

O CONTEXTO ATUAL DO TRABALHO NO BRASIL: AS DIFICULDADES E DILEMAS DOS JOVENS QUE BUSCAM A PROFISSIONALIZAÇÃO NO FUTEBOL

Aluno: Bruno Gazal Ballista
Orientador: José Roberto Gomes da Silva

Introdução

Nesta primeira parte, abordaremos o problema e os objetivos principal e secundários da pesquisa, que discorre sobre o contexto atual de trabalho no Brasil, observando quais as dificuldades e dilemas dos jovens que buscam se profissionalizar na carreira futebolística.

No Brasil, pesquisar sobre o futuro de jovens meninos é confirmar que o sonho de ser jogador de futebol é maior do que qualquer outro sentimento. Muitos querem ser um Romário, Ronaldo, Robinho e todos os outros que nos habituamos a ver na televisão. Procuram imitá-los na sua forma de se vestir, de jogar e até suas manias, simplesmente por que são seus ídolos. Não são grandes pensadores, com capacidade intelectual acima da média ou de caráter admirável, porém ostentam fama, desfilam com belas mulheres e ganham milhões de dólares capazes de sustentar gerações de suas famílias.

Estes grandes personagens sustentam o sonho e a incansável luta pela redenção no futebol. Porém, chegar a ser um futebolista profissional é de fato uma realidade para poucos. Há ainda uma demanda incalculável de jovens que buscam construir uma carreira no esporte apostando tudo o que tem no seu próprio talento.

Os dados sobre esses meninos ainda são ínfimos e não existe qualquer tipo de pesquisa a respeito do perfil desses jovens. A realidade brasileira nos leva a crer, que não somente no futebol, mas em qualquer outra modalidade que permita uma ascensão social, que eles compõem as classes mais pobres da população, sem perspectivas de futuro em outras carreiras e muito menos com instrução dos próprios familiares. O sistema educacional influencia radicalmente nessa decisão, pois não constrói alicerces entre o jovem e a educação, o conhecimento. Desde pequeno, eles acreditam que a única coisa que sabem fazer, é jogar bola.

Em sua maioria, abandonam cedo os estudos para poder praticar mais o futebol. Em alguns casos, como os de jogadores amadores, não frequentam as escolas unicamente porque não conseguem conciliar com a programação puxada de treinos, viagens e competições. Remotamente, existem aqueles que sofrem tantas dificuldades que ao invés de estudar, nas horas vagas dos treinos e peladas, fazem “bicos” para conseguir pagar condução e alimentação para a família.

O contexto econômico brasileiro leva os jovens a fazer tais apostas no seu talento nos gramados. Segundo reportagem veiculada no dia 17 de Julho de 2005, feita por Felipe Awi e Rogério Daflon¹, mostra a dura realidade dos meninos brasileiros entre 18 e 24 anos que recebem uma média salarial que varia de R\$ 350 a R\$ 400. A ascensão social que o futebol desperta é enorme como explica dados da CBF onde 50,43% dos atletas de até 21 anos que disputam a Série A recebem entre R\$ 500 e R\$ 2 mil, fora os valores de direito de imagem, bonificação entre outros.

Analisando estes valores, fica mais claro entender a cabeça desses meninos. Nos últimos anos, os jogadores despontam cada vez mais novos e em sua maioria com status de grandes promessas. O caso mais recente é do zagueiro Breno, que estreou no time profissional do São Paulo em 2008 e um ano depois se transferiu para o futebol alemão com apenas 18 anos.

¹ Jornal O Globo, 17/07/2005, disponível em <http://oglobo.globo.com/jornal/esportes/>, acessado em 13/02/2009

Entretanto, é importante esclarecer que levando em consideração aqueles poucos que conseguem se profissionalizar, existem também grandes diferenças e realidades nesta carreira. Há aqueles que ganham milhões, como citado anteriormente e que podem viver sem preocupação com o futuro, há os que ganham milhares e, se tiverem cabeça no lugar e não se iludirem com o dinheiro, poderão se precaver para o futuro com investimentos inteligentes e por último, há aqueles que migram para as segundas e terceiras divisões regionais - que são a maioria da classe dos jogadores de futebol - que ganham apenas o suficiente para sobreviver e que, de profissionais, tem apenas o fato de jogarem futebol em federações.

Poucos sabem, e também não é interesse da mídia divulgar, que grande parte dos jogadores recebem menos do que muitas profissões humildes, transformando o velho sonho de criança num pesadelo. Para estes jogadores, o futebol é prazeroso apenas no momento em que estão nos gramados representando seus clubes onde podem, por alguns instantes, esquecer as dificuldades que enfrentam.

Outro aspecto relevante é o fato do sucesso financeiro alcançado pelo esporte. Atualmente, o futebol mundial é um grande negócio. Leoncini e Silva (2005) citam que, de acordo com o relatório final do Plano de Modernização do Futebol Brasileiro (2000) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), que inclui os agentes diretos, como clubes e federações, e indiretos, como indústrias de equipamentos esportivos e a mídia, o futebol mundial movimenta, em média, cerca de 250 bilhões de dólares anuais.

Conseqüentemente, assim como todo grande negócio, existem aqueles indivíduos que, por maneiras irresponsáveis e mal intencionadas buscam o lucro se aproveitando da inocência e inexperiência de milhares de famílias. Falsos empresários arrecadam dinheiro dessas famílias prometendo fazer contato com grandes clubes brasileiros e internacionais, alegando oportunidades para os jovens talentos, no entanto desaparecem com o dinheiro e fatalmente com o sonho de muitos meninos.²

Objetivos

Este estudo tem como objetivo principal identificar as expectativas dos jovens que buscam construir uma carreira profissional como jogador de futebol no Brasil. Ao longo da pesquisa, buscaremos entender o que pensam esses aspirantes sobre seu futuro. As possibilidades reais de se tornar jogador, o momento da escolha entre o esporte e a carreira em outras profissões com base acadêmica e as mais diversas conclusões sob diferentes pontos de vista dos que alcançaram a profissionalização, os que ficaram pelo caminho e os que ainda correm atrás deste sonho.

Portanto, é visível que este estudo apresenta uma grande importância na avaliação do comportamento desses jovens que, muitas das vezes, abdicam de uma carreira promissora em outros setores para se dedicar única e exclusivamente ao sonho de se tornar jogador. Essa iniciativa torna o estudo um complemento para auxiliar os pais, a juventude brasileira e os profissionais do futebol, que possam se adequar a realidade vivida em relação à carreira esportiva.

Vale adicionar que o interesse em fazer esta pesquisa partiu dos conhecimentos e experiências vivenciadas pelo próprio pesquisador que por dois anos participou ativamente nas categorias de base do Botafogo de Futebol e Regatas e alimentou também este sonho de ser jogador.

² Jornal Hoje, 09/02/2009, disponível em <http://g1.globo.com/jornalhoje/0,,MUL993519-16022,00-FALSO+EMPRESARIO+DO+FUTEBOL+LEVA+FAMILIA+ATE+A+EUROPA.html>, acessado em 14/02/2009

Referencial Teórico

Este capítulo apresenta o referencial teórico utilizado como base para defender as análises do estudo apresentado sobre futebol.

O caminho para se tornar um atleta de futebol profissional pode ser definido em uma simples palavra: obstáculo. Definição que não vem sendo refletida e associada pelos jovens adolescentes. Como salienta Alcântara (2006), a globalização do esporte na mídia que expõe a brutal fama dos jogadores bem sucedidos não correlaciona com a realidade e as enormes dificuldades que essa profissão representa. Essa transformação do futebol em vitrine constante faz com que esses garotos percebam o futebol como uma atividade fácil de ser exercida e alcançada. Ainda Alcântara (2006), observa que esses jovens meninos, partindo de uma projeção totalmente desvinculada da realidade, entendem os grandes craques profissionais como o verdadeiro cenário do futebol. Apesar da dura e verídica realidade, eles continuam sonhando e acreditando em seus sonhos.

Como complemento, Moraes, Rabelo e Salmela (2004) enfatizam a necessidade de acompanhamento dos pais para o desenvolvimento desses jovens, como um fator fundamental no sucesso na carreira esportiva. Afirmam que com o apoio apropriado dos responsáveis, aumenta consideravelmente a participação e chances de grandes experiências e permanência no esporte. Em muitos dos casos brasileiros, os pequenos atletas são vistos como a solução para ascensão social de uma família inteira. Essa responsabilidade fica evidente também no envolvimento em excesso dos pais, que prejudica o desenvolvimento e influi negativamente no desempenho do atleta. Moraes, Rabelo e Salmela (2004) salientam:

“O superenvolvimento ocorre quando os pais excedem em sua participação na vida esportiva dos filhos, não sabendo separar seus próprios desejos, fantasias e necessidades daquelas dos seus filhos.”

Existem diversas razões para esse fato ocorrer, entre eles o fracasso dos pais na tentativa de se tornar jogador, a perspectiva de futuro absolutamente inferior a que o futebol pode proporcionar, o talento evidente dos filhos no esporte entre outros. Portanto, indiretamente esses pais exercem uma pressão infinitamente maior a que um jovem adolescente está preparado a suportar. Entretanto, em pesquisa realizada por Moraes, Rabelo e Salmela (2004) demonstra que na pesquisa realizada com pais de jovens atletas, não há a cobrança de contribuição para o sustento da casa e oferecem uma liberdade para a prática do esporte que ajudaram no desenvolvimento profissional no futebol.

As dificuldades também emanam em âmbito geral dos clubes e não somente individualizadas como citadas até então. Os problemas crônicos enfrentados pelas organizações esportivas também interferem no desenvolvimento do ser humano e no seu desempenho tanto no esporte quanto na educação. A infra-estrutura oferecida não é adequada ao esforço prestado pelo atleta. Não apresentam condições de vestiário, departamento médico, salas de musculação, de estudos e refeitório, salvo raríssimas exceções. Essa falta de modernidade, em comparação com os clubes europeus, são presentes também nas categorias profissionais nos clubes com gestão não profissional de todo o Brasil (MOSCA, 2006).

Características de uma carreira futebolística, o dinheiro e a fama atraem a sociedade a uma tentativa no esporte, por mais que ela seja remota. Porém certos fatos retratados neste estudo, que evidenciam números até então desconhecidos e não divulgados pela mídia, são corroborados pelo estudo de Gonçalves (2007). No contexto de carreira e sucesso profissional, salienta que não parte da empresa, organização ou nicho profissional as responsabilidades pelo sucesso numa profissão. Em seu artigo, Gonçalves (2007) aborda o ciclo profissional

sendo uma consequência do planejamento e gerenciamento do próprio trabalhador. A maneira que este desempenhará suas tarefas proporcionará o alcance dos seus objetivos pessoais.

O Campo Organizacional do Futebol

Observando o futebol como o esporte do povo brasileiro, fica claro entender a variedade de agremiações, e organizações futebolísticas espalhadas por todo território nacional. Passando por escolinhas, clínicas de futebol, colônias de férias, empresas até os clubes com modelos de gestão profissionais. A quantidade de organizações é cada vez maior visando atender a demanda infinita de jovens garotos querendo se profissionalizar. Certamente, esse fato acontece pelo potencial que o futebol exerce no nosso país. Entretanto, segundo Leoncini e Silva (2005), o Brasil ainda não aproveita toda essa capacidade em comparação com os valores citados acima, que são movimentados mundialmente, representando menos de 1%.

Porém, o fator a ser ressaltado é o objetivo único de todas as organizações ligadas ao esporte que buscam aguçar o sonho dos meninos brasileiros. Desde pequenos, os brasileiros são incentivados por toda a sociedade a praticarem o esporte. São influenciados por pais, parentes e amigos, recebem bolas e camisas dos times favoritos como esclarecem Giglio e Morato (2008) e ao longo do tempo vão conservando e alimentando o amor ao futebol.

“Fazem do verbo “jogar bola” uma identificação praticamente exclusiva do jogar futebol, salvo raríssimas exceções.”

Desta forma, começamos a entender o porquê da escolha dos jovens garotos que compõem a sociedade em tentar a ascensão social através do futebol e não por outras categorias esportivas. Além dos fatores preponderantes citados acima, como a influência da sociedade brasileira e o poder econômico do esporte, o estilo de jogo simples e fácil de ser praticado corrobora essa cultura genuinamente brasileira. Silva e Chaveiro (2007) ressaltam as áreas improvisadas que o esporte é praticado, de modo com que faça qualquer objeto esférico se mover, e um espaço às vezes nem tanto retangular que permita uma movimentação dos jogadores já é o suficiente para proporcionar prazer e emoção aos amantes do futebol. Esta facilidade de transformar o espaço em territórios informais não é percebida em outros esportes adorados por nossa população como o vôlei e o tênis que necessitam de uma rede e o basquete que utiliza cestas. Portanto, para os atores da pesquisa, se manter em constante treinamento, aperfeiçoando suas habilidades e lapidando seus talentos, transforma o esporte numa maneira vista como fácil de ser alcançada.

Retratamos a sua estrutura informal que induz o jovem menino a praticar o esporte desde pequeno e, a partir dessa iniciativa, buscar alternativas que realmente os levem aos campos de competição. No profissionalismo do esporte, é importante observar o início dessa jornada. De fato, o começo é o momento mais difícil na carreira de qualquer esportista. No caso do futebol, os atletas ficam propensos a fazer “peneiras”. São testes, organizados pelos clubes profissionais, com acompanhamento de um profissional da categoria de base que, durante algumas horas, avalia o talento dos meninos numa partida de futebol. Porém, imaginar que nesta peneira há realmente possibilidade de seguir adiante na carreira é mera ilusão. Vide alguns grandes craques do nosso futebol que tentaram diversas vezes e não conseguiram começar no esporte por meio dessas avaliações como Ronaldo e Cafu. Rejeitados diversas vezes respectivamente em, Flamengo e São Paulo, não desistiram e finalmente ingressaram em suas categorias.

Certamente essa fase é um divisor de águas na profissão. O drama e a humilhante informação de que o atleta não foi aprovado no clube é uma decepção enorme para jovens meninos que não possuem uma estrutura psicológica para suportar tal notícia. A dificuldade

em aceitar o revés decorre do fato desses brasileirinhos apostarem toda uma vida, o futuro de suas famílias nessas oportunidades, que nem sempre são justas. Dessa forma, torna-se constante a decisão entre continuar ou desistir no sonho de jogador.

Fica evidente, após diversas experiências compartilhadas, a necessidade de preparação para tolerar uma suposta reprovação. Porém, há a dificuldade de compreensão das famílias que depositam suas chances de viver uma vida digna no país, na derrota de um filho no esporte. Entretanto, existem aqueles que realmente passam, alcançam seus objetivos e se tornam atletas federados do clube. Participam de competições regionais, nacionais e em raras exceções internacionais. Recebem apoio de nutricionistas, preparadores físicos, psicólogos, médicos e fisioterapeutas. Os clubes, apesar das deficiências físicas de instalações, oferecem uma comissão de profissionais preparados para lidar com esse jovem que acaba de chegar e fornecer toda a estrutura necessária para se manter em atividade num esporte altamente competitivo e perigoso.

Não há indícios de reportagens esclarecendo a facilidade de se tornar um jogador, nem por aqueles que nos fizeram pensar que o esporte é simples de se jogar. A dificuldade está presente para todos, até para os craques e como toda carreira profissional, seja ela no esporte ou na organização, requer muita determinação. Considerando as dificuldades já percebidas, relacionamos os momentos de desapontamento com outras formas de desilusão. As manobras praticadas por falsos empresários enaltecem a dificuldade em acreditar nos prazeres da profissão. Esses indivíduos, que se apresentam como atuantes esportivos, entram em contato com a família do atleta. Esta, por sua vez, não oferece nenhuma forma de defesa devido à má instrução e assim iniciam conversas oferecendo oportunidade aos jogadores em clubes de grande porte no Brasil e na Europa. Em muitos dos casos, é um golpe fatal na carreira do jogador. É importante citar que, no Brasil, existem 119 agentes credenciados pela FIFA e que estes são os únicos representantes de jogadores capacitados e aprovados a estabelecer relações esportivas entre os clubes e os atletas.

Metodologia

Em relação aos métodos de pesquisa utilizados, ela é baseada em pesquisa documental e de campo. Na revisão da literatura foi reunido material bibliográfico escrito acerca deste tema através de artigos científicos, revistas especializadas, dissertações e informações jornalísticas. É de grande valia ressaltar que não existem muitos dados científicos referentes ao tema estudado, portanto o arcabouço teórico fica limitado, não sendo possível obter informações para uma análise mais abrangente. A pesquisa se torna documental, pois se baseia em documentos publicados em sites oficiais de instituições esportivas e informações jornalísticas que contribuam para uma maior quantidade de dados. A pesquisa de campo qualitativa foi realizada por meio de entrevistas pessoais e questionários com nove atores do campo organizacional envolvidos. Todas foram feitas pessoalmente pelo pesquisador, baseadas em roteiros semi-estruturados. Nas entrevistas foi utilizado o método de análise de discurso, pois foi considerado o mais adequado devido ao fato de compreender sentidos, expressões e gestos corporais manifestados pelos entrevistados.

O roteiro de perguntas foi elaborado buscando considerar aspectos relativos à:

- a) Informações pessoais (idade, naturalidade);
- b) Início na prática esportiva em geral e no futebol;
- c) Relação de responsabilidade com o esporte e com os responsáveis;
- d) Rotina de treinamento nesses clubes com abordagem em seus métodos e horários;
- e) Atividades acadêmicas exercidas e as dificuldades que o esporte implica;

- f) Dilemas que relacionam o esporte às atividades básicas em geral como alimentação e estudo;
- g) Dificuldades do ambiente organizacional do futebol: adaptações aos treinamentos, estruturas oferecidas para trabalho e relação patrão-empregado;
- h) Expectativas acerca da profissionalização e realizações pessoais;
- i) Questões relacionadas ao momento da escolha entre o esporte e o estudo;
- j) Características exploradas da carreira esportiva em questão, avaliando as principais dificuldades e facilidades;
- k) Formas de motivação encontradas.

As entrevistas foram realizadas entre os meses de maio a julho de 2009. O tempo de duração de cada entrevista foi de aproximadamente 30 minutos e para facilitar o entendimento e melhores análises em todas elas foram feitas anotações, gravadas e posteriormente transcritas pelo próprio pesquisador. Vale ressaltar que as entrevistas não foram limitadas a seguir rigorosamente o roteiro de perguntas deixando os entrevistados livres para desenvolver os assuntos em questão.

A seleção dos atores foi feita através de auxílio do referencial teórico e tendo, de forma restrita, a conveniência de contatos. Portanto, a seleção de sujeitos para as entrevistas foi feita através do critério de acessibilidade onde utilizou-se canais de contato do próprio autor da pesquisa. Segue no quadro 1 abaixo o perfil de cada entrevistado.

Quadro 1 – Perfil dos Participantes

Entrevistados	Idade	Clube	Escola
Cristiano Sauma	16 anos	Flamengo	OLM
Pedro Henrique Wright	16 anos	Flamengo	Pinheiro Guimarães
Fábio Braga	16 anos	Internacional	Supletivo Unificado
Eduardo Nóbrega	17 anos	São Cristovão	CEL
Roberto de Mattos	18 anos	Botafogo	CEL
Renan Leite	18 anos	Botafogo	Colégio Percepção
Vitor Carreira	19 anos	Flamengo	MV1
Gabriel Castro	19 anos	Botafogo	Clovis Monteiro
Ivan Carvalho	20 anos	Botafogo	Baltazar Bernardino

Todo o conteúdo obtido foi estudado e analisado. Partindo das interpretações do autor e dos dados sendo confrontado com o referencial teórico foi feita a análise dos dados apresentada a seguir.

Análise de Dados

É importante iniciar a análise dos dados conceituando alguns fatores preponderantes que foram citados durante toda a pesquisa, tanto no aporte teórico quanto nas entrevistas realizadas. Muito se debate a possibilidade real do jovem brasileiro em alcançar seu sonho de se tornar jogador. Certamente as entrevistas possibilitaram agregar o que realmente acontece com as circunstâncias que alguns desses jovens atravessaram. É importante notar que, analisando as entrevistas, existem diferentes observações entre os pontos de vista dos jovens entrevistados e o que é referido no aporte teórico.

Inicialmente, o fundamento básico citado em comum acordo tanto no referencial quanto nas entrevistas é a real dificuldade de se alcançar o profissionalismo. Definida como obstáculo por Alcântara (2006), a oportunidade de profissionalização no futebol é algo ainda

não assimilado pelos brasileiros devido à maquiagem que é feita pela mídia. A exposição em massa dos casos de sucesso no esporte corrompem até mesmo a visão daqueles que vivem os obstáculos mencionado no próprio campo esportivo. Apesar de reconhecerem as dificuldades que o futebol proporciona, os entrevistados atestam a variável econômica como principal fator de permanência na busca pela carreira esportiva. Os valores negociados no mundo hoje, inegavelmente, são superiores aos que encontramos nas demais carreiras. Vejamos por exemplo o atual melhor jogador do mundo, o português Cristiano Ronaldo, que irá receber aproximadamente R\$ 33 milhões ao ano no Real Madrid-ESP³. Wright alega que os benefícios encontrados na profissão são superiores as adversidades que ultrapassam enquanto atletas amadores. Entretanto, Sauma foi categórico ao avaliar esta questão:

“O futebol prejudica o estudo ou qualquer outra atividade que eu faça. Não há dinheiro que compre a minha juventude. Não posso deixar que os treinamentos ou qualquer outra responsabilidade com o futebol atrapalhe a minha vida.”

Porém, vale acrescentar que dentre os nove entrevistados, Sauma é o único que desistiu totalmente da carreira de jogador e deu seguimento aos estudos. Assim como Wright, os outros entrevistados compartilham da mesma opinião. As cifras astronômicas oferecidas pelos clubes de todo o mundo se sobrepõem ao submundo do futebol. Na análise de Mattos, o futebol é como qualquer outra profissão, onde existem as dificuldades de um iniciante e se deparam com os benefícios somente após anos de trabalho. No caso do futebol, ele avalia que esses aspectos são encontrados logo quando alcançam a profissionalização.

“O futebol deve ser visto como qualquer outra profissão. Assim como outras carreiras, o estagiário equivale ao jogador da (categoria de) base, onde tem as maiores dificuldades e o presidente de uma empresa equivale ao atleta profissional que desfruta das coisas boas alcançadas.”

As opiniões relativas a essa questão são de comum acordo entre os que defendem o próprio sonho. Basicamente, como feita na avaliação de Alcântara (2006), a economia que movimenta o futebol torna-os cegos. Durante toda a pesquisa, falou-se sobre as dificuldades emanadas pelo esporte. Os entrevistados consideraram esse fator como preponderante na desistência do sonho de ser jogador, apesar de a maioria deles ainda não terem o feito. As questões relacionadas às adversidades contemplam todo o aparato que envolve o futebol desde a chegada ao treinamento até a saída do jogador para os locais de estudo. De fato, este tema foi abordado como o principal durante todas as entrevistas. Os sujeitos desenvolveram as respostas de acordo com suas piores experiências no futebol.

A rotina de um atleta amador foi explicitada como ‘loucura’, pois não existem maneiras de fazê-la com eficiência. Assim como todo ser humano, as necessidades básicas de higiene, alimentação e descanso são afetadas diretamente de alguma maneira. Em sua entrevista, Carvalho relata:

“Sempre tem algum problema. Quando os treinos não são em horário integral, tem jogo para atrapalhar. Quando não tem jogo, é viagem. É uma loucura. A gente só consegue fazer as coisas direito quando o treino é na parte da manhã. Normalmente nós treinamos de manhã, fazemos praticamente uma viagem de volta para casa e chegamos no

³ Revista Época, 10/08/2009, p. 106

meio da tarde para o almoço. Então depois de almoçar já está quase na hora de ir para a escola. Não tem tempo para fazer um descanso. O jantar tem de ser feito no próprio colégio porque quando volto para casa já é quase meia noite e eu acordo todos os dias 5 e 40 da manhã..”

Em sua resposta fica evidente o tempo que o esporte consome na vida desses atletas. Durante todos os dias enfrentam uma rotina extremamente cansativa e que fatalmente prejudica no seu próprio desempenho nos treinamentos. Os jovens se desfazem de uma vida social ativa, não completam seus estudos com eficácia e principalmente não se alimentam como deveriam justamente para conciliar com os programas de treinos, jogos e competições. Entretanto, todo esse esforço se torna inútil por afetar diretamente naquilo que eles mais prezam que são suas atuações em campo.

“Eu só teria um dia tranqüilo se ele tivesse mais de 24 horas. Como moro em Niterói e treino aqui em Marechal Hermes, perco muito tempo com deslocamento. São quase 2 horas para ir e um pouco mais para voltar no horário da tarde” (Carvalho).

Portanto, percebemos que o atleta, apesar de tentar construir uma maneira que permita realizar suas tarefas da maneira mais adequada, não consegue fazê-la o que implica diretamente nas suas condições básicas e primordiais.

“Muitas vezes já fui pra escola direto do treino sem tomar banho porque tinha prova e não podia me atrasar. Do mesmo jeito que fui sem almoçar. Comia só um sanduíche na cantina para não ficar muito tempo sem comer nada” (Mattos).

Mesmo com tantos problemas envolvendo suas atividades diárias, outros problemas são citados no meio futebolístico. As dificuldades não se resumem aos horários e locais de trabalho, o trabalho em equipe, relacionamento com comissão técnica e dirigentes, infraestrutura e preocupação com a vida do atleta também foram mencionados. Levando em consideração alguns entrevistados, a maioria dos atletas dos clubes apresentam uma condição financeira e social desprivilegiada. Assim sendo, existe certo preconceito com aqueles atletas que partem de uma situação mais confortável e superior a sociedade em geral. Atletas de classe média são discriminados por terem oportunidade de dar seguimento em outros setores e não no futebol.

“Sofri muito com um preparador físico. Por meu pai ser professor de educação física, sempre contestei os exercícios que ele passava para a gente. Então ele sempre pegou no meu pé. Sempre eu era o mais cobrado” (Carreira).

“A maior adversidade do futebol, na minha opinião, é a discriminação social. No Flamengo, quando souberam que eu morava no Leblon, passei a ser visto com desconfiança por todos do grupo. Eram pouquíssimos os que moravam na zona sul, e normalmente eles não ficavam muito tempo pois não agüentavam. Eles acham que só porque temos mais oportunidades estamos roubando a chance deles de se tornar jogador” (Sauma).

Se tratando de um esporte altamente competitivo e com grande disputa também nos processos de profissionalização, as dificuldades percebidas se tornam ínfimas quando falamos de desrespeito e preconceito no local de trabalho. Levando em consideração o fato de serem adolescentes que sofrem um nível de tensão muito alto para aquilo que estão acostumados a receber, o que poderia tornar agradável este processo, se torna ainda mais complexo, no que seria um ambiente de treino agradável e a relação de amizade com os outros atletas. Desta forma, tornam-se escassas as chances de permanência no clube. Em alguns casos, as dificuldades podem ser ainda piores, partindo de dentro de casa.

O excesso de responsabilidade exercido pela própria família pode contribuir para que o jovem não alcance seu objetivo. Como salienta Moraes, Rabelo e Salmela (2004), a solução de algumas famílias são os próprios jogadores que muitas das vezes são responsáveis pelo sustento da casa. Entretanto, nenhum dos entrevistados demonstrou este tipo de preocupação e alguns ainda fizeram ressalvas.

“Nunca tive responsabilidade com nada. Nem com estudo. Meu único trabalho é com o futebol e meus pais me dão todo o apoio em relação a isso” (Castro).

Em seu estudo, Moraes, Rabelo e Salmela (2004), enfatizam a necessidade de acompanhamento dos pais para o desenvolvimento dos jovens adolescentes. Faz-se necessário, para uma melhor performance tanto no futebol quanto nos estudos, um suporte psicológico por parte dos seus responsáveis. Como salientam na pesquisa, os pais devem dividir as responsabilidades com os filhos para que eles tenham maior liberdade e efetuem suas atividades com naturalidade, desenvolvendo-as assim da melhor maneira possível.

Quando questionados sobre a relação com os pais e responsabilidades com o esporte, os entrevistados demonstraram extrema fidelidade ao futebol e o apoio irrestrito da família, embora alguns terem mencionado outras visões dos parentes.

“Meu pai sempre me apoiou e me ajudou a arrumar lugar para jogar. Com isso nunca tive problema. Mas quando comecei a ir mal na escola, a primeira coisa que ele fez foi me tirar do Fluminense” (Wright, filho do ex-árbitro e atual comentarista da TV Globo José Roberto Wright).

“Sempre fui incentivado a estudar e fazer outras atividades. Quando comecei a jogar meus pais gostaram. Fizeram de tudo para que eu pudesse seguir treinando. Isso mudou quando deixei de fazer várias coisas como sair com meus amigos e viajar com eles. A partir daí, sempre me perguntavam se era isso mesmo que eu queria e com o tempo fui mudando minha idéia” (Sauma).

Um dos aspectos mais importantes desta pesquisa é o momento da escolha entre o futebol e o estudo efetivo numa instituição de qualidade onde possa direcionar o aluno a um futuro promissor. O processo de decisão envolve diversas variáveis que não podem deixar de ser analisadas. A escolha é imensamente difícil para jovens dessa faixa de idade e que ainda não estão totalmente seguros do rumo que querem levar. Desta maneira, torna-se vital a companhia e o auxílio de pais e educadores para que possam direcionar o jovem prematuro a tomar uma decisão tão complexa. Entretanto, como mostram as entrevistas, os atores do campo deram respostas confiantes e convictas de que estão fazendo a escolha certa.

“Não, porque nunca deixei de estudar e estou correndo atrás do meu sonho de ser jogador” (Braga).

“Apesar dos meus pais sempre me cobrarem os estudos, eles também sempre me apoiaram no futebol e por isso ele vem em primeiro lugar” (Nóbrega).

“Sempre soube o que eu quis, que é ser jogador. Eu só vou tomar outra decisão quando essa possibilidade for impossível” (Leite).

“Foi uma tentação gigantesca. Mas penso que se tivesse escolhido o futebol, não estaria respondendo suas perguntas corretamente” (Sauma).

Além da decisão a ser tomada, as perguntas também envolveram os arrependimentos que foram conhecidos quando abdicaram outros fatores para poderem dar seguimento a um sonho de criança. Geralmente, esses arrependimentos contemplam os fatores da vida social como os amigos que foram deixados e as atividades de lazer como praia e festas. Contudo, alguns entrevistados preferiram fazer observações acerca do próprio arrependimento dentro do esporte. Carreira e Castro enfatizam escolhas errôneas em relação a trocas de clube. Mais precisamente, Castro declara que se precipitou ao sair de um clube quando não recebia oportunidades para demonstrar seu talento.

Outros atletas preferiram esclarecer questões relativas às experiências vividas. Braga e Leite tiveram a oportunidade de jogar em equipes de fora do Brasil. Constatou-se uma grande conquista de experiência por parte dos jovens e um apreço pelo esporte ainda maior, devido ao fato de conhecerem a infra-estrutura que é oferecida nos países estrangeiros. Braga foi para Dubai acompanhar o pai, o ex-jogador e técnico de futebol Abel Braga no Al-Jazzira onde permaneceu por 6 meses. Enquanto Leite viajou para Portugal, onde passou um mês em experiência no Sporting Club de Lisboa.

“Me arrependi em ter ido para o Qatar ficar com o meu pai. Foi bom porque ganhei experiência, conheci uma cultura nova e ganhei fluência no inglês, mas no Inter eu me sentia muito melhor. Lá em Porto Alegre eu estava em casa” (Braga).

“Foi muito bom pra mim. Conheci diversos contatos do futebol, uma nova maneira de jogar. Mas me arrependo, pois quando voltei perdi tudo aquilo que já tinha conquistado no Botafogo. Passaram a me desprezar porque pensaram que eu tivesse querendo sair do clube o que não é verdade” (Leite).

De certa maneira, as experiências desses jovens os fizeram pensar em tudo aquilo que é oferecido pelos clubes estrangeiros e que não são devidamente valorizados no Brasil. No estudo de Mosca (2006) a falta de modernidade, quando comparada aos clubes de fora, é ainda mais significativa nas categorias de base. Atualmente, as organizações esportivas passam por sérios problemas financeiros o que acarreta na estagnação do desenvolvimento dos jovens atletas. A falta de profissionalismo dos dirigentes fica visível com os resultados das péssimas administrações.

Mosca (2006) esclarece as decisões tomadas basicamente pelas emoções desses indivíduos que antes de gerirem a organização como profissionais movidos pela razão, as tratam unicamente como torcedores, tomando assim decisões altamente precipitadas.

Como citado anteriormente, a infra-estrutura foi outro aspecto salientado pelos entrevistados deste estudo. A falta de comprometimento do clube para com o atleta e sua vida fora do clube foi unânime. Os sujeitos criticaram os clubes fundamentando suas conclusões com base naquilo que sentiram falta e fizeram sugestões para melhoria deste processo.

“É péssimo. O pior é no inverno. A gente treina na chuva, num frio e depois do treino quando vamos tomar banho a água é muito gelada. Isso quando não falta água” (Nóbrega).

“Os clubes não dão a mínima pra vida do atleta, muito menos pra vida escolar” (Leite).

“Os clubes não tem estrutura nenhuma. Os treinos são longe, os horários são corridos e não se importam se você estuda ou não. Podiam pelo menos lavar nossos uniformes, porque até isso a gente faz em casa” (Carreira).

“No Inter, por exemplo, ajudava. A estrutura era muito boa e ainda tinha o colégio. Tinha assistente social que fazia as matrículas, essas coisas. Davam alimentação, café, almoço e jantar” (Braga).

Observou-se durante toda a pesquisa que existem diversas implicações no futebol, tanto dentro como fora dos clubes. É importante aduzir que a falta de profissionalismo e estrutura não é exclusiva dos clubes. As entidades do futebol como Federações Estaduais também enfrentam dificuldades para realizar as competições e fazer as devidas fiscalizações nos campos de jogos.

Portanto, para suportar todas essas adversidades existentes no campo organizacional do futebol, os atletas devem ter altos níveis de trabalhos motivacionais para que consigam permanecer no esporte. Ao serem perguntados sobre as formas motivacionais praticadas, os entrevistados partilharam a opinião que encontram a motivação no próprio futebol.

A maioria dos atores do campo revelaram que o fato de praticar o esporte já é a maior motivação, simplesmente porque amam o futebol. A paixão que move esses atletas foi surpreendente. Demonstraram, apesar de todas as circunstâncias adversas referidas, as críticas feitas aos clubes, a infra-estrutura entre outras, que jogam por prazer e que tem felicidade naquilo que se responsabilizam. A observação de Carvalho resume este aspecto:

“A motivação é entrar em campo. Eu esqueço de tudo, completamente tudo e só jogo. Eu sou movido a futebol, não preciso de motivação. É o prazer de jogar.”

Conclusões

Esta pesquisa, com o objetivo de analisar as expectativas e dificuldades enfrentadas pelos jovens, assim como a relação com o momento de escolha de carreira expôs algumas conclusões.

O futebol brasileiro é, de fato, um esporte primitivo. Embora seja o esporte mais desenvolvido no nosso país e movimente milhões de reais anualmente, os problemas

apresentados refletem a dura realidade enfrentada pelos jovens brasileiros. Dificuldades básicas de logística, acompanhamento psicológico e de alimentação são supérfluos para os clubes que estão mais interessados em valorizar as categorias profissionais. De certa forma, os profissionais são a fonte de renda dos clubes com patrocínios, bilheterias, campeonatos entre outros, porém para tornar esses atletas competitivos, é necessária uma estrutura adequada que os acompanhem desde a categoria de base.

Como relatado pelos entrevistados, as chances de prosseguir estudando é limitada. Conforme o atleta vai subindo de categoria, os treinos duram cada vez mais tempo e as viagens se tornam mais frequentes. Como exemplo, o atleta Ivan Carvalho tem 20 anos e ainda não conseguiu completar o ensino médio.

As expectativas relativas à profissionalização vão ficando cada vez maiores. Como visto nos últimos anos no futebol brasileiro, os atletas são convocados para as equipes profissionais cada vez mais novos o que cria uma ansiedade em cada um dos jovens entrevistados.

Através dos estudos preliminares e do atual cenário social, pode-se constatar a falta de comprometimento e interesse dos clubes com os atletas amadores. Grande parte não recebe acompanhamento escolar e muito menos qualquer tipo de ajuda de custo. As entidades regionais também não demonstram empenho em cobrar esses aspectos dos clubes. No que seria a única forma de fazer com que os atletas mantenham os estudos seria uma fiscalização dessas federações obrigando as organizações esportivas a fornecer reforço escolar aos seus jogadores.

Fica evidente o isolamento do jovem jogador e sua total desvalorização enquanto atleta amador. O alcance do sucesso se deve principalmente ao esforço próprio do atleta que não recebe qualquer tipo de apoio. Todo o suporte adquirido vem única e exclusivamente de seus familiares.

De modo geral, os anseios dos jovens jogadores são ilimitados podendo gerar enormes complicações psicológicas em caso de frustração com a carreira. Durante o processo de desenvolvimento como atleta, os mesmos não recebem instrução para manterem os estudos caso não consigam se profissionalizar. Certamente, o resultado dessa experiência são adultos desempregados e sem qualquer tipo de graduação escolar.

Portanto, fica patente a necessária atuação conjunta de federações, clubes e até mesmo unidades escolares para que conciliem este conflito. Do mesmo modo em que a escola precisa do esporte, o esporte também precisa da escola balanceando assim o progresso físico e mental do ser humano, transformando jovens adolescentes em grandes cidadãos brasileiros.

Referências

- ALCÂNTARA, H. A Magia do Futebol: negócios, transações e personagens. Estudos Avançados, n.20 (57), 2006.
- DAMO, A. S. Dom, Amor e Dinheiro no futebol de espetáculo. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v.23, n.66, 2008.
- DE SOUZA, C. A. M; VAZ, A. F; BARTHOLO, T. L; SOARES, A. J. G. Difícil Reversão: Futebol, Projetos e Destino em meninos brasileiros. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 14, n.30, p.85-111, jul./dez. 2008.
- GIGLIO, S. S; MORATO, M. P; STUCCHI, S; DE ALMEIDA, J. J. G. O Dom de Jogar Bola. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 14, n.30, p.67-84, jul./dez. 2008.
- GONÇALVES, E. Planejamento da Carreira Profissional e Pessoal. Revista Eletrônica Portal da Administração. Setembro de 2007. Disponível em: http://www.administradores.com.br/artigos/planejamento_da_carreira_profissional_e_pessoal/14529/. Acesso em: Junho de 2009.

- GUEDES, S. L. Do Dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 14, n.30, p.303-307, jul./dez. 2008.
- LEONCINI, M. P; SILVA, M. T. Entendendo o Futebol como Negócio: um estudo exploratório. *Gestão & Produção*, v.12, n.1, 2005, p.11-23.
- MOSCA, H. M. B. Fatores Institucionais e Organizacionais que Afetam a Profissionalização da Gestão do Departamento de Futebol dos Clubes. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/ Escola de Administração de Empresas. Rio de Janeiro, 2006.
- MORAES, L. C; RABELO, A. S; SALMELA, J. H. Papel dos Pais no Desenvolvimento de Jovens Futebolistas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2004, 17(2), pp.211-222.
- SILVA, A. B; CHAVEIRO, E. F. Jogo de Bola: Uma análise socioespacial dos territórios dos peladeiros. *Pensar a Prática*, v.10, n.1, 2007.